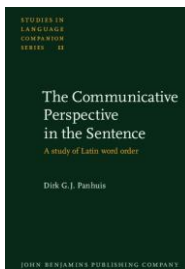


**A VISÃO DE PANHUIS SOBRE A ORDEM
DAS PALAVRAS NA FRASE LATINA EM SEU
*THE COMMUNICATIVE PERSPECTIVE IN THE SENTENCE***

José Mario Botelho (FFP-UERJ)
botelho_mario@hotmail.com



PANHUIS, Dirk G. J. *The communicative perspective in the sentence: A study of Latin word order*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1982. 178pp.

https://openlibrary.org/books/OL3233616M/The_communicative_perspective_in_the_sentence.

Depois de Jules Marouzeau, com suas importantes obras sobre a ordem das palavras em latim – todas publicadas entre 1907 e 1953 –, veio a público, em 1982, esta obra de Dirk G. J. Panhuis, *The communicative perspective in the sentence: a study of Latin word order*, que se tornou um clássico entre os estudiosos sobre o assunto.

Originalmente, o texto foi escrito como uma tese para Ph.D, que foi submetida à Universidade de Michigan em 1981, com o título *The communicative perspective in Latin word order*.

Como bem observa o próprio autor no seu Prefácio, “este estudo destina-se a preencher uma lacuna na nossa compreensão da chamada linguagem de ordem livre de palavras⁷¹”. Não se pode deixar de admitir que se trata de um tema específico e que não desperta interesse a um grande número de estudiosos, principalmente porque se refere a um tema de difícil compreensão e mal delimitado pelos que sobre ele se debruçaram. Tanto o é que ainda hoje não se chegou a uma definição quanto à classificação da tipologia da língua latina, que muitos a tem como uma língua de ordem livre⁷². O próprio Panhuis observa, no início de sua In-

⁷¹ “This study is meant to fill a gap in our understanding of a so-called free word order language.” (PANHUIS, 1982, p. 1)

⁷² Em minha tese, questiono a referida ideia e proponho considerar o latim como língua de ordem ambivalente: “Por conseguinte, tendo como respaldo o enfoque da GF, a qual não ignora a coexistência de diferentes padrões a serem usados em diferentes condições e pa-

trodução, que frequentemente se diz que a ordem das palavras em latim é “livre” e cita Kühner e Stegmann (1955, II, p. 590). O autor também observa que outros consideram o latim mais livre do que em inglês, citando Gildersleeve e Lodge (1895, p. 428); Lakoff (1968, p. 100); Lyon (1968, p. 76, 223) ou em francês, citando Laurand e Luras (1965, p. 552). Também esclarece que esses autores, exceto Lakoff (1968), afirmam que a liberdade de ordem das palavras não é absoluta, como o fazem Laurand e Luras (1965, p. 552), ou que a ordem das palavras não é caracterizada pela completa liberdade e arbitrariedade, como o fazem Kühner e Stegmann (1955, II, p. 590), ou que as várias ordens possíveis estão associadas a diferenças de ênfase ou pressuposições contextuais, como diz Lyon (1968, p. 223).

Convém lembrar que também Marouzeau (1953 e em outras tantas obras) afirma haver uma relativa liberdade na ordem das palavras em latim, e que um dos diversos fatores (de uso, de sentido, de estilo, de ritmo), sempre justificará a ordem efetivada. Porém, difícil é estabelecer uma sistematização de tais aspectos:

Embora, se em latim a ordem das palavras é livre, ela não é indiferente. A escolha da construção é determinada em cada caso particular por considerações muito diversas: de uso, de sentido, de estilo, de ritmo, que é difícil de reduzir em sistema, mas que possibilita a observação de certas leis ou tendências. (MAROUZEAU, 1953 *apud* BOTELHO, 2017, p. 15)

A obra de Panhuis é dividida em sete capítulos, sendo o Capítulo I a própria “INTRODUÇÃO” (p. 1-6), em que comenta sobre a relativa liberdade da ordem de palavras nas estruturas latinas, ilustrando com visões que outros autores têm acerca de tal aspecto, sem revelar o seu ponto de vista sobre o complexo tema.

Logo no início dessa Introdução, declara que suas observações podem fazer referência à sintaxe, ou realce de certos elementos em posições particulares, ou a figuras retóricas, ou a padrões poéticos no verso (Cf. p. 1). Também declara que dará aos padrões sintáticos um tratamento apenas indiretamente, “na medida em que sua liberdade de ordenação permite ao autor expressar sua mensagem de uma forma que seja efetivamente mais comunicativa” (p. 1).

ra variadas finalidades, e considerando os critérios de Greenberg (1963), assumo que o latim é ambivalente.” (BOTELHO, 2018, p. 46).

Afirma que não pretende fazer uma abordagem fragmentária, mas que tem a intenção de mostrar que a sentença latina tem uma organização comunicativa da mesma forma que tem estrutura sintática. Ou seja, “uma sentença, transmitindo uma mensagem do orador/escritor para o ouvinte/leitor, fornece os elementos da mensagem com certa perspectiva, de acordo com o ponto que o orador ou o escritor pretende fazer no ato da comunicação” (p. 2). Para o autor, é através da ordem das palavras que, em latim, esta perspectiva comunicativa se realiza, enquanto em línguas com uma ordem de palavras mais rígida são usados outros meios (Cf. p. 2). De fato, a perspectiva comunicativa é formulada em termos sintáticos (sujeito, objeto etc.); as passagens de ordens ocasionais formam a base para a abordagem fragmentada para a ordem de palavras do latim (Cf. p. 3).

Sobre a ideia de considerar a língua como um sistema autossuficiente de relações interiores, o autor enumera três limitações: a primeira se refere ao presente estudo, que trata da organização comunicativa da sentença. A segunda limitação tem a ver com a escolha do tipo de sentença-base a ser analisada para cada um dos dois autores, Plauto e César, que serviram como alvo da pesquisa. A terceira limitação diz respeito especificamente a esses autores. Segundo Panhuis, a sentença “pode ser mais facilmente percebida, se não for interferida por outros padrões de ordem de palavras como figuras retóricas e poéticas” (p. 4), uma vez que Plauto e César representam dois registros diferentes da língua latina: aquele, o discurso coloquial cotidiano; este, a linguagem escrita formal. (Cf. p. 4-5).

Inicia o Capítulo II (p. 7-29), “FUNDAMENTO TEÓRICO E MODO DE PERGUNTA”, com o subitem “1. Teoria da Perspectiva Funcional da Frase”, discorrendo sobre as suas origens e como foi desenvolvida pelos linguistas da Escola de Praga, citando Weil (1844) e sua teoria sobre a ordem de palavras.

No subitem “2. Outras abordagens para a ordem de palavra”, declara logo de início que o seu objetivo é estudar a ordem de palavras em latim sob uma perspectiva comunicativa, mas não necessariamente discutir sobre a teoria gerativo-transformacional acerca da ordem de palavra. Por isso, faz referência aos estudos de Chomsky (1965), Bach (1962), Lakoff (1968), Sgall *et al.* (1973), Firbas e Pala (1971), entre outros, mas não enfatiza os seus estudos nem desenvolve os comentários críticos, que faz acerca desses autores. Declara, entretanto, que “uma formalização através de um modelo generativo parece incapaz de converter todos os contextos em que uma frase pode funcionar” (p. 19) e que se deve considerar o respectivo contexto como um possível fator alternativo quato à

ordem das palavras. Declara, também, que “a relevância do respectivo contexto não é discutido por Firbas, nem por Sgall *et al.*, também não é considerado por Contreras (1976)” (p. 20).

O subitem “3. Estudos sobre a ordem de palavra em latim”, que parece ser mais interessante para o Autor, desenvolve-se um pouco mais. Comenta sobre a proposta de Hofmann (1972) acerca da ordem ocasional, cuja sequência é muitas vezes alterada para fins de proeminência ou contraste, na prosa artística e na poesia por razões rítmicas. Afirma que posições enfáticas na frase são o início e (em menor grau) o fim. Comenta que Hofmann (1972, p. 397) – e muitos outros – afirma que, em latim, a ordem das palavras é “livre”, porém de um ponto de vista sintático, por causa da “caracterização clara por terminações flexionadas” das funções dos constituintes. Conclui que, “para tentar descrever a ordem das palavras em latim em termos de relações sintáticas, uma abordagem comunicativa parecerá ser uma clara alternativa” (Cf. p. 23).

Ainda nesse terceiro subitem, lembra que Marouzeau (1933) – como a maioria dos estudiosos do latim – distingue três posições sentençiais para o verbo: inicial, medial e final. Lembra, também, que, na poesia, usa-se livremente a possibilidade arcaica na colocação de partículas, bem como de preposições, relativos e conjunções, em segunda posição por várias razões de natureza estilística e métrica. Corroborando Marouzeau, ressalta que “um verbo inicial é significativo, não porque é inicial, mas porque é excepcional” (p. 140) e que as palavras iniciais e finais não recebem sua proeminência a partir dessa posição, mas a partir do fato de estarem em tais posições “como resultado de uma disjunção de seu parceiro sintático ou como resultado de uma inversão dentro de um grupo sintático” (p. 28-9).

Afirma que a abordagem sintática é apropriada para alguns padrões mais ou menos rígidos, mas não é relevante quando a ordem das palavras é comunicativa e não, sintática. E finaliza esse subitem anunciando o estudo de valor comunicativo que se fará em relação à sentença e ao texto como um todo.

O Capítulo III (p. 31-57), “A PERSPECTIVA COMUNICATIVA NO LATIM COLOQUIAL: PLAUTO” é constituído de uma breve Introdução, dois subitens específicos e uma Conclusão. Nessa breve “1. Introdução”, Panhuis se limita a informar que a compreensão do princípio da ordem das palavras comunicativas em Plauto, que se investiga nesse

Capítulo III, a partir de dezessete passagens, constitui um necessário pré-requisito para o entendimento da presente pesquisa.

Passa ao subitem “2. Ordem não emotiva de palavra”, apresentando uma explanação a cada uma das quatorze passagens da obra de Plautus, tendo como base da análise um tipo de frase bi-transitiva, estruturada como “Alguém dá dinheiro a alguém.” e “Alguém recebe dinheiro de alguém.”. No subitem “3. Ordem emotiva de palavra”, o autor dá continuidade à análise de mais três das dezessete passagens com as frases bi-transitivas. Passa ao subitem “4. Conclusão”, em que afirma que das observações feitas, “podem-se derivar as hipóteses de que o elemento contextualmente dependente é mais temático do que os pronomes pessoais ligados situacionalmente” (p. 57).

O Capítulo IV (p. 59-98), “O LATIM COLOQUIAL: PADRÕES, PROBLEMAS E PERSPECTIVAS”, é dividido em 10 subitens. Panhuis inicia o subitem “1. Introdução”, afirmando: “É sabido que a ordem de palavras do latim não é determinada pela necessidade de sinalizar as relações sintáticas que mantêm entre os constituintes da frase.” (p. 59) e acrescenta que podem ocorrer alguns fenômenos de ordem de palavras em padrões meio estereotipados, sendo alguns sintáticos, outros poéticos ou retóricos. (Cf. p. 59).

Em seguida, passa aos outros subitens, que são específicos, desenvolvendo comentários críticos a partir de exemplos. Desenvolve, no subitem “2. Pronomes relativos”, a ideia de que o pronome relativo ocorre quase sempre na primeira posição em uma cláusula relativa, afirmando que “esta posição inicial pode ser dita ser uma posição sintática estereotipada. Quase não há liberdade de escolha no lugar do pronome relativo” (p. 59). No subitem “3. Frase interrogativa”, afirma que “em geral, as perguntas sim-não exibem a ordem R-T” (p. 62), já que o elemento remático questionado ocorre comumente na posição inicial, que é uma ordem estereotipada (Cf. p. 62-3). Em “4. Frase imperativa”, desenvolve a ideia em torno da asserção: “As sentenças imperativas muitas vezes têm um verbo inicial e, portanto, podem parecer constituir um tipo de sentença especial.” (p. 68). Logo, o verbo imperativo não se limita a uma posição particular, pois é comum a ordem alternativa de verbo e objeto, porquanto os verbos imperativos podem ser ou remáticos (R) ou temáticos (T) (Cf. p. 69).

Depois desse longo subitem, passa ao “5. Disjunção”, que é ainda mais extenso e o inicia, afirmando que “a disjunção é tradicionalmente

tratada em obras de estilística. É usado para evitar o hiato, para conseguir um ritmo de prosa específico, ou para obter o metro desejado” e, como também observaram Wilkinson (1963, p. 213), Hofmann (1972, p. 689-90), a disjunção funciona como um ornamento estilístico ou como um maneirismo (Cf. p. 72). Citando Conrado (1965), Marouzeau (1949, p. 182), observa que, na poesia, os padrões podem ser baseados na posição ocupada pelos dois membros da disjunção de um sintagma nominal (adjetivo atributivo e substantivo) (Cf. p. 72).

Nos subitens “6. Palavras ‘acessórias’ na segunda posição”, “7. Considerações posteriores”, “8. Verbo dominante dentro de uma oração subordinada”, “9. Fatores rematizantes” e “10. Para uma melhor compreensão dos textos”, o autor se limita a observações já desenvolvidas por outros autores. No subitem 9, porém, apresenta a seguinte importante observação: “Parece, então, que os rematizadores aumentam o grau de CD de uma frase, mas não necessariamente torna-o um rema próprio.” (p. 91), e, no subitem 10, alerta-nos para o fato de que muitas vezes “a ordem das palavras da tradução não reflete exatamente a organização comunicativa do original latino” (p. 92).

No Capítulo V (p. 99-116), “O LUGAR DO VERBO NOS TEXTOS JURÍDICOS E RELIGIOSOS E A EMERGÊNCIA DE UMA CONVENÇÃO LITERÁRIA”, que também é dividido em 5 breves subitens: “1. Introdução”, “2. Textos religiosos”, “3. Textos jurídicos”, “4. O padrão OV proto-indo-europeu” e “5. A emergência de uma convenção literária”, o autor apresenta, em cada um desses subitens, breves comentários, já desenvolvidos por outros autores, e passa ao Capítulo VI “A PERSPECTIVA COMUNICATIVA E O LUGAR DO VERBO NO LATIM CLÁSSICO: CÉSAR”, que, como os anteriores, é dividido em sete subitens: “1. Introdução”, “2. Verbos finais”, “3. Papéis semânticos e dinamismo comunicativo”, “4. O fator sintático e a ordem de palavra”, “6. Verbos não finais” e “7. Sumário”.

Nesse Capítulo VI, apesar de extenso, Panhuis se limita a uma análise do latim clássico nos moldes do terceiro capítulo, em que teceu comentário acerca do latim coloquial a partir da obra de Plauto. Na breve Introdução, informar que a pesquisa acerca dessa ordem das palavras do latim clássico se fará a partir de uma série de sentenças com predicado de três lugares, que ocorrem frequentemente no *Bellum Gallicum*, de César, como variações sintagmáticas de um paradigma (Cf. p. 117). Finaliza esse sexto capítulo, apresentando o importante quadro com os diferentes padrões da ordem comunicativa de palavra, que assim se resume:

Ordem padrão de palavra	Perspectiva Comunicativa	Lugar do verbo	
1	T--R,V	não emotiva	não marcada
2	T--R,V, Rp	não emotiva	não marcada
3	R--T,V	emotiva	não marcada
4	V(=R)--T	emotiva	marcada

Exibição 5: Os padrões de ordem das palavras em latim clássico (César).

Para finalizar a obra, o autor apresenta uma tomada de decisões no Capítulo VII e último, “OBSERVAÇÕES FINAIS” (p. 151-60), que também é dividido em três subitens: “A ordem de palavra em outros autores latinos”, “Ordem comunicativa das palavras e acentuação latina” e “Evolução da Teoria da FSP”.

Logo no início do primeiro subitem, Panhuis nos lembra que, “embora César possa ser típico do latim clássico em muitos aspectos, ele também exibe uma característica particular: em suas obras, o verbo tende a ser cláusula-final com uma frequência maior do que em qualquer outro autor clássico” (p. 151). Finaliza o subitem 2, repetindo que, “como a perspectiva comunicativa em latim é criada pela ordem das palavras, é improvável a existência de um acento enfático para o mesmo propósito comunicativo, pelo menos de modo êmico (“Relativo à análise detalhada das unidades linguísticas.”)” (p. 156). Inicia o terceiro e último subitem, com a seguinte observação: “Primeiro, quero repetir que o segmento temático da sentença não é apenas constituído pelos “elementos que possuem os graus mais baixos de CD” (FIRBAS, 1966, p. 240)” (p. 156) e declara que “os elementos temáticos nunca são entendidos como constituintes com ‘o menor grau de CD’, mas como âncoras com as quais o resto da frase é anexado ao contexto precedente, aos participantes na conversa, ou a algo na situação de fala” (p. 156).

Por fim, afirma que não se pode considerar uma dicotomia rigorosa, uma vez que é sempre diferente a função comunicativa de cada elemento nas frases (Cf. p. 160). Conclui, por conseguinte, que “a Teoria da FSP reconhece os graus relativos de CD dos elementos em sua unidade maior, e por isso é uma fonte fecunda de inspiração para a compreensão das sentenças no discurso” (p. 160).

De minha parte, espero que esta resenha possa refletir fidedignamente o que Panhuis intentou passar-nos com essa sua importante obra, e que possa despertar em todos o interesse pelo complexo tema em torno da colocação de palavras na frase latina, que ainda hoje tem sido debatido por diversos estudiosos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOTELHO, José Mario. *Colocação de palavras dos sintagmas nominais em odes de horácio: uma abordagem sintático-estilística*. Tese (Doutorado em Letras Clássicas – Culturas da Antiguidade Clássica: O discurso latino clássico e humanístico) – Faculdade de Letras da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: UFRJ, 2018.

GILDERSLEEVE, Basil L.; LODGE, Gonzales. *Latin Grammar*. London: MacMillan, 1895.

HOFMANN, Johann Baptist (1972). In: LEUMANN, M.; HOFMANN, J; SZANTYR, A. *Lateinische Grammatik*. 2 vol. München: Beck, 1977.

LAKOFF, Robin T. *Abstract Syntax and Latin Complementation*. Cambridge (Mass.): M.I.T. Press, 1968.

LAURAND, Louis; LAURAS, A. *Manuel des études grecques et latines*. Tome II: Rome. Géographie, histoire, institutions romaines, littératures latine, grammaire historique latine, 14. ed. Paris : Picard, 1965.

LYON, John. *Introduction to Theoretical Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1968

MAROUZEAU, Jules. *A ordem das palavras em latim*. Trad. de José Mario Botelho. Rio de Janeiro: Autografia, 2017, título original: “*L’ordre des mots en latin*”, 1953.

_____. *L’ordre des mots en latin*. Volume complémentaire avec exercices d’application. Paris: Les Belles Lettres, 1953.

_____. *L’ordre des mots dans la phrase latine*. v. III. Les Articulations de l’énoncé. Paris: Les Belles Lettres, 1949.

_____. *L’ordre des mots dans la phrase latine*. Tomo I – Les Groupes Nominaux. Paris: Librairie ancienne honoré champion, Éditeur, 1922.

_____. *Place du pronom personnel sujet en latin*. Paris: Librairie Honoré Champion, 1907.

PANHUIS, Dirk G. J. The communicative perspective in the sentence. A study of Latin word order. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1982.

RUBIO, Lisardo. El orden de palabras em latín clásico. En: RUBIO, L. F. *Introducción a la sintaxis estructural del latín*. Barcelona: Ariel Editorial, 1982. p. 191-220